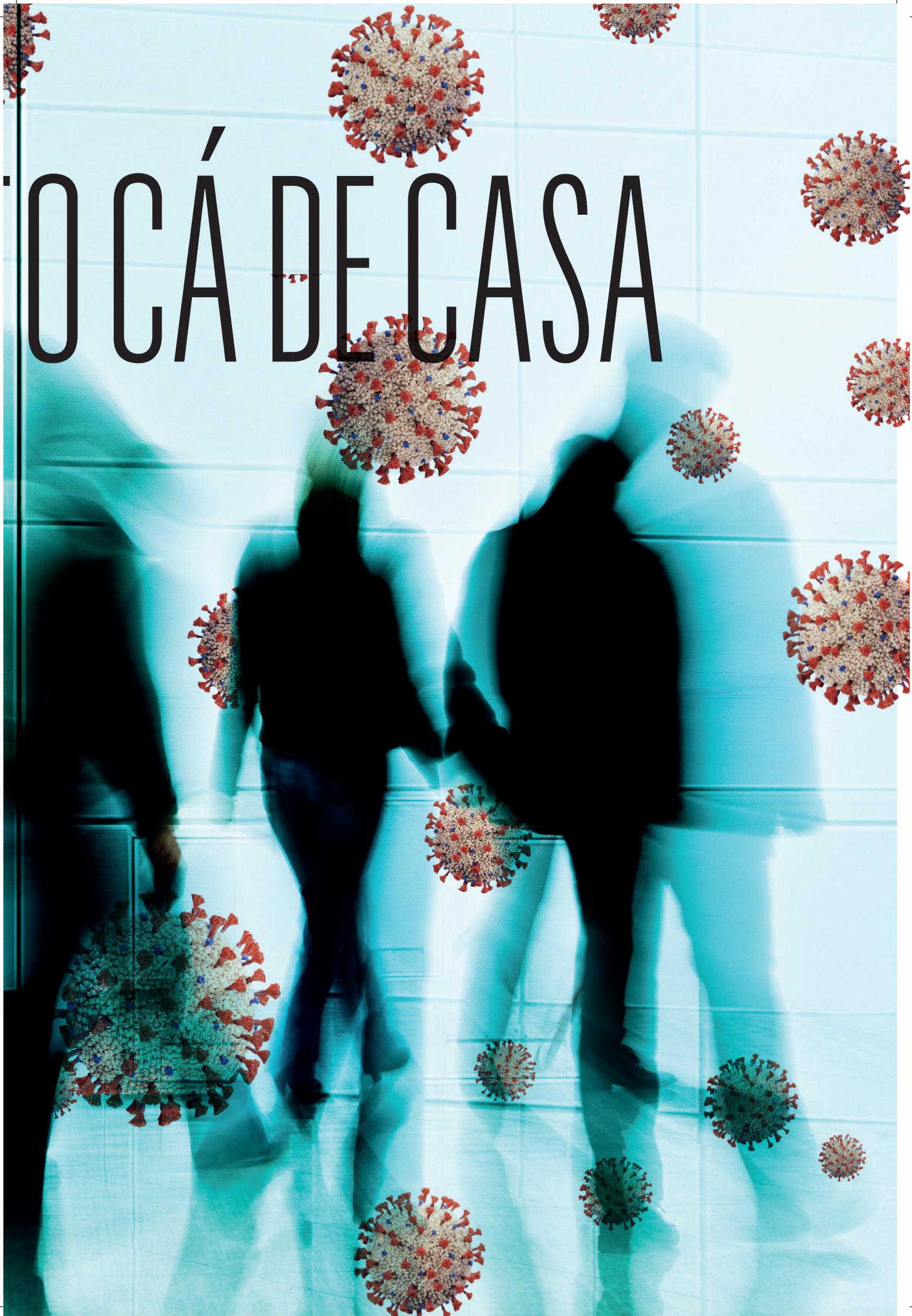


# UM VÍRUS MUITO

A Covid-19 irá matar, todos os anos, cerca de três mil portugueses, tal como a gripe, preveem os especialistas. Com a hipótese da imunidade de grupo totalmente afastada, o nosso país já é apontado como um sítio onde a doença se tornou endémica. Chegou a hora de parar a contagem e de confiar a sério nas vacinas?

 MARIANA ALMEIDA NOGUEIRA

# OCÁ DE CASA



Com cerca de quatro mil milhões de pessoas inoculadas com uma dose de vacina, três mil milhões com o esquema vacinal completo e 245 milhões de sobreviventes à infeção por SARS-CoV-2, o mundo parece caminhar em direção ao fim da pandemia tal como se habituou a conhecê-la.

Não nos iludamos, os especialistas são unânimes: a Covid-19 não vai desaparecer, não vão deixar de existir infeções e o vírus não vai parar de circular. A ideia de uma imunidade de grupo, que dizimava o SARS-CoV-2 para sempre, parece hoje ficção científica. Segundo os especialistas, com o tempo e a ajuda das vacinas, aprenderemos a conviver, o mais pacificamente possível, com o vírus, até ao dia em que a doença será considerada endémica e, finalmente, deixaremos de procurar novos casos, testando pessoas, contabilizando infeções, hospitalizados e mortos.

No futuro, a Covid-19 poderá ser comparada à varicela, papeira ou rubéola, doenças endémicas com as quais contactamos desde que nascemos e que, hoje, não representam um perigo muito grande. De acordo com o epidemiologista da Faculdade de Ciências de Universidade de Lisboa, Manuel Carmo Gomes, provavelmente a Covid-19 matará, por ano, o mesmo do que a gripe (cerca de três mil pessoas em Portugal), mas teremos sempre de ter em consideração que, ao contrário da gripe, “esta doença, apesar de respiratória, tem a capacidade de invadir todos os órgãos, um pouco como o HIV”.

Quanto tempo demoraremos até chegar a este ponto é uma incógnita. Para Manuel Carmo Gomes, tal cenário, atualmente, está muito longe de existir e seria prematuro, por exemplo, abandonar já a máquina de testagem, rastreamento e isolamento de pessoas positivas. “Ainda não podemos deixar que as pessoas infetadas andem por aí a espalhar o vírus. Mesmo com a terceira dose, vai haver gente a ter doença grave e a morrer”, alerta o epidemiologista.

Carmo Gomes não acredita que a endemidade seja alcançada em menos de três anos, tempo que, apesar de tudo, é recorde, quando comparado com os séculos e a mortalidade, “à custa dos quais criámos imunidade e nos adaptámos a doenças como a varicela ou a papeira”.

Uma vez que cenários em que a população é “dizimada” não são sequer aceitáveis, o epidemiologista defende que “temos de nos adaptar ao vírus, com o mínimo de custos em termos de vidas, sequelas e sofrimento”. A questão agora, mais do que o número de infeções, é perceber em que estado chegaremos ao “fim da pandemia”. E para chegar melhor do que pior, a vacinação é imprescindível.

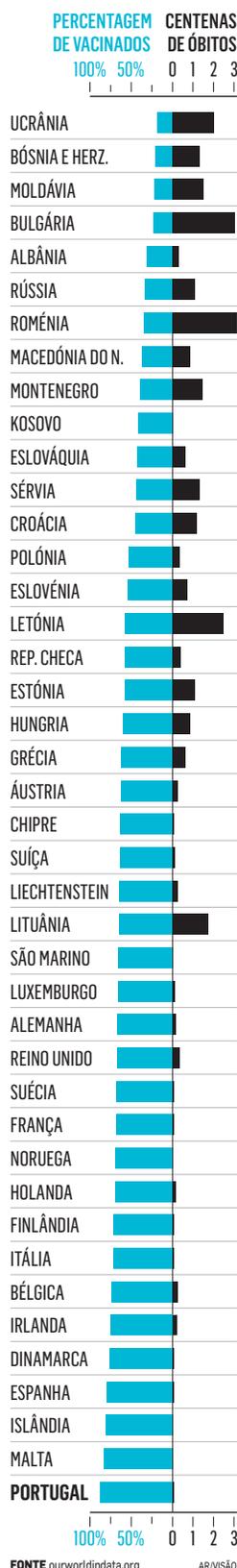
#### QUANTO TEMPO DURA A PROTEÇÃO?

Tomemos como exemplo Portugal, que por

## Vacinados vs. Óbitos

### COVID-19

Dados relativos aos últimos 14 dias, em 9 de novembro de 2021



uma vez cumpriu o trabalho de casa e tem dado cartas na vacinação. Apesar do recente aumento de casos, o que inclusive poderá ditar o regresso ao teletrabalho, o número de internamentos e de mortes está ainda sob controlo. O mesmo se verifica na Alemanha que, ainda que com uma cobertura vacinal inferior à nossa, conseguiu manter o número de mortos e de internamentos controlado, durante aquele que foi o maior pico de infeções do país desde o ano passado.

Já sabemos que as vacinas não são a bala de prata, que não têm 100% de eficácia, que foram criadas para nos proteger contra doença grave e morte, e que não evitam nem a transmissão nem a infeção por SARS-CoV-2.

Em todo o mundo, o número de infeções por evasão à vacina tem vindo a aumentar, sobretudo com a chegada da variante Delta, refere Luís Graça, imunologista do Instituto de Medicina Molecular da Universidade Nova de Lisboa (iMM). Mas a situação é algo que os especialistas consideram expectável, pois, a partir do momento em que a maioria das pessoas está vacinada, os infetados serão, necessariamente, também pessoas vacinadas.

“Em vez de nos preocuparmos muito com o facto de aparecerem agora vacinados que são positivos, devemos pensar que estas pessoas vão seguramente controlar o nível de carga viral mais rapidamente, acabando por ser transmissores da infeção durante menos tempo do que as pessoas não vacinadas”, afirma João Paulo Gomes, responsável pelo Núcleo de Bioinformática do Departamento de Doenças Infecciosas do Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge (INSA).

Mas, afinal, quanto dura a proteção da vacina? Miguel Prudêncio, investigador principal do iMM, explica que não há nada que nos diga exatamente quando, ou se, as vacinas deixarão completamente de nos proteger. “Os anticorpos, por si só, não são preditores de proteção. Temos ainda a imunidade celular,



**Vulneráveis Na sua esmagadora maioria, os óbitos em Portugal são de idosos, mesmo estando vacinados**

construída graças às células de memória T”, afirma o especialista. Ou seja: a imunidade contra a infeção até pode diminuir nos meses após a inoculação, mas o treino que as vacinas dão ao sistema imunológico, para prevenir doença grave e a morte, continua a ser muito forte.

Investigações da Agência de Saúde Pública Inglesa, do Centro Médico Kaiser Permanente do Sul da Califórnia e do Centro Hospitalar Universitário da Universidade de Laval, no Canadá, concluíram que, cinco meses após a toma da segunda dose das vacinas da Pfizer, Moderna e AstraZeneca, há um decaimento significativo no número de anticorpos em circulação, com uma consequente perda de eficácia na proteção contra infeção sintomática ou assintomática causada pela variante Delta.

No entanto, as taxas de eficácia registadas nos diversos estudos acabam por nunca ficar abaixo de 53% relativamente à infeção e, quanto à prevenção de doença grave, hospitalização e morte, nunca abaixo dos 80%. “Isto acontece porque as partes do sistema imunológico que funcionam para proteger da doença grave são diferentes das que protegem da mera infeção”, explica Manuel Carmo Gomes.

Os vacinados, mesmo com o decaimento do número de anticorpos, mantêm a imunidade celular, capaz de responder e de evitar a doença grave, ainda que o vírus consiga entrar no corpo, multiplicar-se e começar a descer em direção aos pulmões.

Além disso, têm também menor probabilidade de transmitir a doença. E não é porque têm menor carga viral, afirmam os especialistas e vários estudos, mas porque debelam a infeção mais rapidamente, “diminuindo a

## Quem está a morrer de Covid em Portugal

À falta de informação por parte da Direção-Geral da Saúde, é o estudo Covid-19 em Portugal: situação atual e perspetivas para o futuro, da autoria do epidemiologista Manuel Carmo Gomes e do matemático Carlos Antunes, que nos mostra quem são as principais vítimas atuais do SARS-CoV-2

▼  
Ao longo de outubro, as pessoas com mais de 70 anos representaram cerca de 70% dos internados e cerca de 91% dos óbitos.

▼  
Desde o princípio de outubro, a maioria dos novos casos de infeção ocorreu já em pessoas completamente vacinadas.

▼  
Os dados relativos à vacina da Pfizer, em Portugal, mostram que, em setembro, ocorreram 1,7 infeções por cada mil pessoas vacinadas em julho e 3,9 infeções por cada mil pessoas vacinadas antes de março. Isto deve-se à perda da concentração de anticorpos em circulação no sangue, sobretudo nos idosos.

janela temporal durante a qual podem ser transmissores”, explica João Paulo Gomes.

### O QUE NOS ESPERA NESTE INVERNO

Proteger os mais velhos foi a estratégia adotada em todo o mundo, desde o início da pandemia, e não faz sentido abandoná-la. As pessoas com mais de 65 anos são as que mais rapidamente perdem a proteção contra a infeção e doença grave, seja após uma infeção natural ou após a vacinação, além de atualmente representarem 70% dos hospitalizados em Portugal.

Alargar a terceira dose da vacina a toda a população é uma discussão mais difícil, nas palavras de Manuel Carmo Gomes. “Vai depender da situação epidemiológica do País, no próximo ano. Se for moderada, com algumas centenas de casos por dia, o benefício de estar a vacinar milhões de pessoas com uma terceira dose é muito discutível.” Para Carmo Gomes, no futuro, “como o SARS-CoV-2 tem uma taxa de mutação aproximadamente dez vezes inferior à do vírus da gripe, quando muito daremos uma dose de reforço aos idosos, de dois em dois anos”.

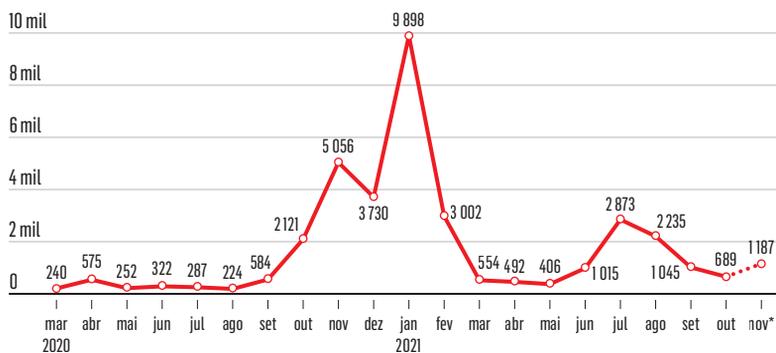
As novas variantes, apesar de ainda preocuparem os especialistas, terão de se esforçar cada vez mais para porem em causa as pequenas batalhas que temos ganhado. E Manuel Carmo Gomes explica porquê. Se, por um lado, as pessoas que foram infetadas desenvolveram uma resposta imunitária contra várias proteínas do vírus, as quais muito dificilmente sofrem mutações ao mesmo tempo (“senão era outro vírus”), por outro lado, a imunidade celular construída através das vacinas, ao fim de alguns meses, já está a fazer variantes da proteína spike dentro do nosso corpo, “uma espécie de previsões das alterações que essa proteína pode vir a ter no futuro e a pessoa fica protegida contra elas”.

Para o especialista, é mesmo pouco provável que venhamos a ter algo pior do que a variante Delta, “que parece já estar muito adaptada a nós, com uma transmissibilidade equiparável à da varicela ou à da rubéola”.

João Paulo Gomes acredita que “este vai ser um inverno de experiências” e que, apesar do aumento do Rt e do número de infetados, não devemos esperar o pior. “Mesmo com as projeções que apontam para dois mil casos em dezembro, é preciso perceber que muitos dos infetados serão agora pessoas com anticorpos que vão controlar melhor a infeção”. Claro que existirá sempre alguma proporcionalidade entre o número de infetados e os internamentos e mortes, mas não na mesma ordem de grandeza que haveria se não estivéssemos vacinados. “Não vamos ter 200 mortes por dia, não é possível; a realidade deste ano e do ano passado são muito diferentes”, acredita o responsável do INSA.

## Média diária mensal de novos casos

COVID-19



FONTE DGS

\*A média de novembro de 2021 refere-se aos primeiros 15 dias do mês

AR/VISÃO

# A nova vaga que assusta a Europa

**Confinamentos parciais, restrições, regresso ao teletrabalho e à utilização da máscara são as medidas que, cada vez mais, governos europeus estão a adotar para fazer frente ao súbito aumento de infeções**

Quase um ano após o início do processo de vacinação, a Europa lida com uma nova onda de infeções e transforma-se, mais uma vez, no epicentro da pandemia.

As vacinas mitigam o que podem, mas, em muitos países, como a Rússia, a Ucrânia ou a Bulgária, os movimentos negacionistas puxam em sentido contrário. Por outro lado, em nações como a Dinamarca, a Áustria, os Países Baixos ou a Alemanha, o aumento exponencial de casos reflete processos de vacinação lentos, agravados pelos comportamentos típicos da estação fria, com um maior número de encontros em espaços fechados, pouco ventilados. Os países têm tomado medidas para lidar com aquilo que o ministro da Saúde da Alemanha, Jens Spahn, apelidou de “pandemia dos não vacinados”. Na Dinamarca, após quase dois meses sem restrições de combate à pandemia, regressa o passe sanitário para entrar em bares, restaurantes e discotecas. Na Áustria, o país da Europa Ocidental com a menor percentagem da população totalmente imunizada (63%), os não vacinados estão

proibidos de aceder a cafés, restaurantes e eventos de lazer, culturais e desportivos, bem como a determinados serviços, como cabeleireiros ou massagens.

Os Países Baixos, com 73% de vacinados, foram mais longe e decretaram, na semana passada, um confinamento parcial, para vacinados e não vacinados, no qual, apesar de as escolas se manterem abertas e as pessoas poderem sair sem restrições, bares, restaurantes, cafés e supermercados têm de fechar às oito da noite, o comércio considerado não essencial às seis e os eventos públicos estão cancelados. Já a Alemanha prepara uma lei que torna o teletrabalho obrigatório e pondera outras medidas de restrição de contactos, com confinamentos locais em cima da mesa. Em Portugal, o dilema da hesitação vacinal não se coloca, porém o aumento recente do número de novos casos e do Rt nacional já levou o Governo a convocar uma reunião para esta sexta-feira, 19, no Infarmed, e a ponderar o regresso ao teletrabalho.

## A QUESTÃO DAS REINFEÇÕES

As reinfeções são uma carta que pode atrasar a chegada à tão ambicionada endemicidade mundial. Se, em Portugal, os especialistas são unânimes quanto à raridade das mesmas, em países como os Estados Unidos da América, sobretudo nos estados onde a cobertura vacinal é baixa, elas parecem ser mais frequentes.

No estado do Oklahoma, só em setembro, foram reportadas 5 229 reinfeções numa população de cerca de quatro milhões de habitantes, com um crescimento de 350% desde maio. O Instituto Nacional de Estatística inglês revelou também, a 6 de outubro, que dos 20 262 britânicos que testaram positivo para a Covid-19, entre julho de 2020 e setembro de 2021, 296 eram casos de reinfeção.

Em Portugal, a Direção-Geral da Saúde não disponibilizou ainda estes dados e, até ao fecho desta edição, não respondeu ao pedido da VISÃO relativamente ao número de portugueses que se insere neste grupo. Graça Freitas informou apenas, em agosto, que a tendência será idêntica à estudada na Dinamarca (0,65%), Reino Unido (0,7%) ou República Checa (0,5%), e num intervalo curto de 90 dias.

Definir uma reinfeção é um quebra-cabeças. Teoricamente, ela acontece quando existem dois episódios positivos para SARS-CoV-2, separados no tempo, com várias semanas ou meses entre eles. Para confirmar se se trata mesmo de uma reinfeção, e não de um reavivar da primeira, seria preciso sequenciar, em laboratório, o genoma do vírus das duas infeções, “mas ninguém faz isso”, afirma Manuel Carmo Gomes.

É que, como explica João Paulo Gomes que já perdeu a conta aos pedidos de confirmação de episódios de reinfeção que lhe foram feitos nos últimos meses, “para uma confirmação laboratorial inequívoca, teríamos de ter acesso às duas amostras dos dois episódios de infeção. Isto quase nunca foi possível, porque os laboratórios de origem, onde haviam sido colhidas as amostras, não têm essa capacidade de armazenamento e, normalmente, a primeira já foi descartada”.

Apesar de ainda ser prematuro afirmar com certeza o número de meses após os quais perdemos totalmente a proteção natural, os especialistas falam de três a seis meses, e um estudo da Universidade de Yale chegou à conclusão de que quem já foi infetado com o SARS-CoV-2 pode ser reinfetado dentro de um ou dois anos, a menos que tome precauções, como ser vacinado ou usar máscara. Os resultados sugerem ainda que o risco médio de reinfeção em pessoas que não estão vacinadas sobe de 5%, nos primeiros quatro meses, para 50%, cerca de ano e meio após a infeção.

Outro estudo dinamarquês, publicado na

revista *The Lancet*, demonstrou que, apesar de serem raras nas pessoas mais jovens e saudáveis, as reinfeções por SARS-CoV-2 são mais prováveis em indivíduos com mais de 65 anos que, seis meses após terem sido infetados, apresentavam apenas 47% de proteção, em relação aos 80% dos mais novos.

#### OS SUPERIMUNES

Com o passar do tempo, a guerra à Covid-19 vai ganhando soldados cada vez mais fortes. Estudos recentes apontam as pessoas previamente infetadas com o vírus e depois vacinadas como autênticos superimunes. Não quer isto dizer que não haja um decaimento do número de anticorpos, mas Manuel Carmo Gomes revela que “uma pessoa que foi infetada e que, a seguir, recebeu uma dose de vacina tem um decaimento mais lento do que alguém que nunca tenha sido infetado e recebido duas doses”.

É a chamada imunidade híbrida, uma produção muito elevada de anticorpos desenvolvidos por pessoas infetadas pelo novo coronavírus e posteriormente vacinadas. Um grupo de investigadores da Universidade de Rockefeller, em Nova Iorque, desenvolveu uma proteína spike em laboratório, com muitas mutações, e observou que os anticorpos destas pessoas eram capazes de combater

# 5

#### MESES É o período

após o qual a maioria dos estudos regista um decaimento na proteção que as vacinas conferem contra a infeção (sintomática e assintomática)

# 3,22

MIL MILHÕES  
de pessoas,  
no mundo inteiro, já  
estão completamente  
vacinadas

a proteína mutada, bloqueando, inclusive, outros tipos de coronavírus. Mais um estudo, agora desenvolvido no Qatar, sugere que as pessoas vacinadas com a vacina da Pfizer e previamente infetadas têm menor probabilidade de serem infetadas após a vacinação do que as que não sofreram nenhuma infeção antes da vacina.

Estas descobertas devem ser vistas como um incentivo à vacinação de quem já foi infetado, e não o contrário. Manuel Carmo Gomes relembra que “apanhar Covid-19 tem riscos muito maiores do que ser vacinado. Por exemplo, o risco de miocardite provocada pela Covid-19 é muito maior e, ao contrário das miocardites causadas por vacinas, em que 99% dos casos têm um desfecho benigno, as da Covid não têm”.

Sem as vacinas, a vida não poderia caminhar para esta “normalidade” que a *The Economist* descreve assim: “No inverno de 2025, a gripe vai atacar os mais velhos; a bronquiolite deixar os mais novos doentes... É, neste mix de doenças respiratórias, aparece a Covid-19 mais perigosa para os idosos do que a gripe. Mas fora dos hospitais, a vida continua sem interrupção”. Temos tempo ainda para nos habituarmos e para aprender a confiar nas vacinas. ■

mnoqueira@visao.pt

# VISÃO BRAILLE

EDIÇÃO MENSAL  
GRATUITA,  
EXCLUSIVA PARA  
INVISUAIS

Porque  
é bom ler

Com o apoio de:

**SANTA CASA**  
Misericórdia de Lisboa



**SAMSUNG**



**ZNZ** Anjos de Portugal



PAPEL FORNECIDO POR:



FUNDAÇÃO  
ORIENTE



THE  
NAVIGATOR  
COMPANY

Para mais informações: [visaobraille.frc@gmail.com](mailto:visaobraille.frc@gmail.com) e o tel: 913 998 221